

**O LEITOR DE CARNE E OSSO E OS LEITORES DE PAPEL E TINTA:  
REPRESENTAÇÕES DE LEITURA E DE LEITORES NO ROMANCE  
*PIEDADE* DE JOSÉ DE MESQUITA**

Franceli Aparecida da Silva Mello/UFMT<sup>1</sup>

**RESUMO:** Ao investigar as práticas de leitura do passado, o pesquisador geralmente se depara com o problema da ausência, ou escassez, de dados exatos, ou de dados fidedignos, como os que se obtém atualmente. Assim, a solução é recorrer a fontes menos ortodoxas, sendo o texto de ficção uma delas. Neste trabalho, seguindo a trilha aberta por pesquisadores que nos antecederam \_ Roger Chartier, Ian Watt, Marisa Lajolo e Regina Zilberman \_, procedemos ao levantamento das referências explícitas, bem como das alusões subliminares, ao universo da leitura presentes no romance *Piedade* de José de Mesquita, objetivando levantar hipóteses sobre os aspectos que concorreram para a formação do romance em Mato Grosso.

**Palavras-chave:** José de Mesquita, leitura, Mato Grosso.

**THE READER IN THE FLESH AND THE READERS OF PAPER AND INK:  
REPRESENTATIONS OF READING / READERS IN THE NOVEL *PIEDADE*  
BY JOSÉ DE MESQUITA.**

**ABSTRACT:** When investigating the reading practices of the past, not always (almost never) can we count on accurate data or even close to it as currently occurs. Thus, the researcher must resort to less orthodox sources, and the text of fiction is one of them. In this work, following the pathway opened by researchers who have gone before us, such as Ian Watt, Marisa Lajolo and Regina Zilberman, we proceed to the survey of explicit references, and subliminal allusions, to the universe of reading inserted in the novel *Piedade* by José de Mesquita, aiming to raise hypotheses about the aspects that contributed to the formation of the novel in Mato Grosso.

**Keywords:** José de Mesquita, reading, Mato Grosso.

Cada vez estou mais convencida de que a história da leitura configura-se como uma perspectiva privilegiada pela qual se pode observar o fato literário. E isto não se trata de nenhuma novidade. Ian Watt em seu livro *A ascensão do romance* (2007), publicado pela primeira vez em 1938, já adotava esta perspectiva ao abordar a relação entre o crescimento do público leitor e o surgimento do romance na Inglaterra do século XVIII. Segundo o autor, este fenômeno não devia ser examinado apenas do ponto de vista quantitativo; o aumento do público leitor implicou na mudança de sua composição, ou seja, se antes a leitura literária era um privilégio da aristocracia ociosa, a partir das transformações conjunturais decorrentes do avanço do capitalismo, ocorreu uma popularização da leitura, principalmente entre a classe média. E isto influenciou na forma do

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Letras e do Mestrado em Estudos de Linguagem/IL/UFMT.  
Pesquisadora do Grupo RG Dicke de Estudos de Linguagem/IL/UFMT. celismello@hotmail.com.

romance, determinando-lhe mudanças estruturais. As copiosas descrições e explicações, por exemplo, que são consideradas pela crítica tradicional como um traço estilístico, fazem parte do conjunto de inovações técnicas criadas para satisfazer a um público menos instruído, que necessitava dos detalhes para entender o enredo. Os volumes maiores, decorrentes desta prática, também beneficiavam os escritores, que ganhavam por linha: “Dumas assina com *Le Siècle* um contrato de colaboração exclusiva: 100 mil linhas por ano a um franco e meio a linha. Para multiplicar o rendimento, Dumas encontra o diálogo monossilábico e introduz uma série de figurantes loquazes.” (MEYER, 1996, p.61). Isto não ocorria apenas em relação aos romances de folhetim. Como os escritores ganhavam por produção, muitos não perdiam tempo enxugando o texto e alguns, como Defoe, cobravam extra para revisarem seus próprios textos, o que lhes prejudicava a qualidade literária. Outro resultado desta aplicação de critérios quantitativos à produção literária foi o favorecimento da prosa em detrimento do verso (WATT, 2007, p.52).

Outra vantagem da investigação sob a perspectiva da história da leitura é que ela dessacraliza crenças relativas à qualidade literária de certos *best sellers*. Já no século XIX as estratégias de venda consagravam autores que vendiam muito devido à propaganda e/ou à qualidade da encadernação, como é o caso dos *giftbooks* – livros ricamente encadernados, lançados no final do ano para serem oferecidos como presente.

Outra idéia que este tipo de pesquisa contraria, é a da defasagem de leitura nos lugares mais distantes dos grandes centros. Graças a uma ampla pesquisa em periódicos do século XIX, por exemplo, Eni S. Rodrigues concluiu que era possível comprar ou ter notícias dos lançamentos de romances franceses com relativa rapidez no Mato Grosso de antanho (RODRIGUES, In: ABREU, 2008, p. 191).

Pelo exposto acima, vemos que os estudos literários só têm a ganhar com o tipo de abordagem que lança mão da história da leitura como referencial teórico. Entretanto, a dificuldade da tarefa é proporcional à sua importância. O pesquisador necessita recorrer a inventários, processos inquisitoriais, pareceres de censura, autos de devassa, catálogos de livrarias, registros de retiradas em bibliotecas, tiragens de jornais e revistas, número de edições e vendagem de livros, periódicos e, quando é possível, entrevistas. No decorrer do livro citado, Ian Watt revela um pouco dos percalços de sua pesquisa, referindo-se à dificuldade encontrada para conseguir dados estatísticos confiáveis a respeito dos índices de leitura na Inglaterra no século XVIII.

Se Ian Watt encontrou dificuldades pesquisando na Europa, onde os bancos de dados, em que pesem suas falhas, são muitos e organizados; o que diremos nós, pesquisadores ao sul do Equador? Poupe o leitor da ladainha, cansativa, sobre as dificuldades de se fazer pesquisa no Brasil. Graças a outros que nos antecederam e encontraram as mesmas dificuldades, construíram-se caminhos alternativos dos quais nos utilizamos para chegar a uma noção aproximada das práticas de leitura e produção literária em Mato Grosso nos séculos XIX e XX. Um desses caminhos foi recorrer à própria obra literária, como sugerem, e fazem, Marisa Lajolo e Regina Zilberman no livro *A formação da leitura no Brasil* (1996), para quem os “leitores de papel e tinta” (p.17) são grandes auxiliares do pesquisador da história da leitura:

Esse duplê do leitor de carne e osso, por hipótese, guarda com ele muitas semelhanças. Projeção do desejo do escritor, de suas memórias de leitura, da utopia de uma época ou reflexo de pesquisas de mercado, o leitor que o texto representa pode considerar-se, não sem razão, e com certeza sem hipocrisia, irmão e semelhante ao leitor empírico[...] (1996, p.17)

O romance *Piedade* de José de Mesquita, publicado pela primeira vez em 1937 e recentemente (2008) re-editado pela Academia Mato-grossense de Letras e Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT), foi classificado por Maria Francelina S. I. Drummond (2007) como um romance tardio, pois revela-se anacrônico em relação ao romance brasileiro da década de 1930, este de denúncia social e engajamento político. Em sua análise, a autora toma o conceito de *cuibania* como chave para a interpretação do romance, focalizando as resistências à modernização por parte da sociedade mato-grossense do início do século XX, mas não deixa de chamar a atenção para outro tema igualmente importante, qual seja, o “leitor e o mundo da leitura” (DRUMMOND, 2007. p. 133). Este último aspecto foi o que nos levou a tomá-lo como objeto no presente trabalho.

O enredo do romance concentra-se na história de Paulo que, depois de uma série de investidas amorosas frustradas, apaixona-se, e é correspondido, por sua prima Piedade, com quem se casa. A principal característica da moça é, como seu nome indica, sua capacidade de doação, tanto que ela se casa conhecendo de antemão seu destino de enfermeira do marido tuberculoso e depressivo. A solidariedade da jovem chega ao ponto de desejar a doença também para si, a fim de sofrer (como se já não estivesse sofrendo!) e morrer com o marido.

A tematização da leitura se dá, na sua forma explícita, principalmente através da personagem Paulo que além de bacharel em direito é escritor, possui uma excelente biblioteca e não perde ocasião de exibir seu repertório de leituras. Mais adiante voltaremos a este ponto; por hora abordaremos um aspecto ao qual chamaremos de “referências implícitas” ao universo de leitura de seu autor, que podem ser observadas na fatura/composição do romance.

### **O leitor “de carne e osso”**

A primeira impressão que temos ao iniciarmos a leitura de *Piedade* é a de um *déjà vu*. Como se trata de um “romance tardio” é natural que evoque num leitor assíduo de romances recordações de outros tantos. Para exemplificar, temos a denominação de alguns capítulos que parecem “homenagear” obras consagradas. Assim, o capítulo 3, “Noite em branco”, narra o velório de Mãe Roberta, portanto, refere-se a uma noite passada em claro; mas também é a ocasião em que se apresenta a personalidade extremamente sensível e romanesca de Paulo, bastante parecida com a do protagonista da novela “Noites brancas” (1848) de Dostoiévski. A vida solitária e isolada de ambos acentua tal semelhança. Na denominação do capítulo 4, “A confissão de Álvaro”, vemos uma alusão ao conto “A confissão de Lúcio” (1914), uma das obras mais importantes de Mário de Sá-Carneiro; o capítulo refere o processo obsessivo de Álvaro que culminará na sua loucura, tal como ocorre a Lúcio. O 5º capítulo, intitulado “Flor das morenas”, apresenta a personagem Rosa (de quem falaremos adiante) e nos traz à lembrança o nome de um capítulo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis: “A flor da moita”, em que é apresentada a personagem Eugenia, a “mocinha morena” (1992, p. 551), por quem Brás irá se apaixonar. Quanto ao 7º capítulo, “A viuvinha”, não há como não relacionar seu título ao romance homônimo de José de Alencar.

Além dos títulos mencionados, a composição das personagens nos dá algumas pistas acerca do repertório de leituras do autor. Não é apenas ao protagonista de “Noites

brancas” que a personagem Paulo se assemelha, sua descrição remete-nos também à figura de Werther, de quem ele se diz “irmão espiritual” (MESQUITA, p.115). Como o herói goethiano, Paulo tem baixa autoestima, valoriza o contato com a natureza, a pureza das pessoas simples e bondosas e critica aquelas que só se preocupam com futilidades. Não se suicida, como Werther, mas quase comete o ato num momento de desespero.

Outra personagem carente de originalidade é Mãe Roberta, ex-escrava da família dos protagonistas. O narrador lhe dedica um capítulo no qual, além da referência à figura da preta velha contadora de histórias, \_ quase um clichê na literatura brasileira \_, podemos ver uma versão feminina de Pai Tomás, do conhecidíssimo livro *A cabana do Pai Tomás* de Harriet B. Stowe. Aproxima-os sua personalidade dócil e piedosa, que aceita a escravidão passivamente, retribuindo o cativo com a benevolência para com os patrões:

Mãe Roberta era a pessoa mais velha da casa e, por assim dizer, encarnava as mais coráveis tradições familiares. Fora-lhes, desde a infância, a companheira de todos os dias, a que lhes contava histórias da carochinha e de ‘quando Nosso Senhor andava pelo mundo’, a que nos levava às esmolas do Divino [...] continuava a chamar-lhes ‘minhas crianças’ e ‘meus neguinhos’...

[...]

Falava com enternecida saudade de *sinhô-velho* [...] Ninguém como a velha ama saberia relatar, com estranha minudência, coisas passadas há muito tempo, quando o velho ‘engenho’, cheio de escravos, era um foco permanente de alegria e trabalho. (MESQUITA, p.21)

Um detalhe importante para quem estuda história da leitura deve ser assinalado: os dois últimos romances mencionados acima possuem em comum o fato de terem influenciado de maneira contundente seus respectivos contextos. Sobre *Os sofrimentos do jovem Werther* diz-se ter levado muitos jovens ao suicídio; *A cabana do Pai Tomás* é tido como um dos causadores da Guerra Civil americana, que resultou na abolição da escravatura (conta-se que Abraham Lincoln, durante uma visita de Harriet Beecher Stowe à Casa Branca, em 1862, se lhe referiu como “a pequena senhora que fez esta grande guerra”). Verdade ou lenda, o fato é que ambos foram *best sellers*, ou seja, romances extremamente populares, e isto pode ser interpretado como um dado importante sobre o repertório de leitura do autor de *Piedade*. Outra referência a que nos remete o capítulo é à personagem Joana, da peça *Mãe* de José de Alencar. Neste drama abolicionista, a personagem se submete a todos os sacrifícios pelo filho branco \_ fruto de um relacionamento com seu antigo senhor, sendo o maior deles, o suicídio, para não revelar o segredo que atrapalharia os planos do filho de se casar e seguir carreira.

A bela índia Rosa (a flor das morenas, acima mencionada) é outra personagem do romance que nos parece familiar. Trata-se da ancestral que, junto com o português sargento Monteiro, deu origem ao ramo da família de Paulo e Piedade. Temos, para nós, que a semelhança com Iracema de Alencar não é mera coincidência.

De todas as personagens do romance, Maria da Piedade aparece-nos como a mais original. Embora possa figurar na galeria das heroínas românticas excessivamente bondosas e sofredoras, como a Escrava Isaura, Helena, até Joana, um exame mais detalhado da composição de sua personalidade e de sua relação com Paulo nos remete a outra imagem materna.

No capítulo “A crise”, decisivo para o desenrolar do enredo, Piedade entra no quarto do primo, no intuito de conhecer melhor a intimidade do homem que amava, e lá encontra um retrato de D. Carlota, mãe dele, o qual beija amigavelmente. No capítulo seguinte, Paulo tem uma crise depressiva e só não se suicida porque, no momento em que põe a mão no gatilho do revólver, olha para o mesmo retrato e vê a “expressão dolorida do olhar materno” (MESQUITA, p.95). Este acontecimento lhe traz a lembrança do antigo desejo de sua mãe de vê-lo casado com Piedade. A partir disto, decide pedir a moça em casamento, após o que “[...] tomou de sobre a mesa o retrato salvador \_ o mesmo em que Piedade depositara o seu ósculo enternecido\_ e o beijou, longa, suave, enternecidamente...” (MESQUITA, p.96). A nosso ver, tal cena remete não apenas ao erotismo sutil da transferência de sentimentos. A intermediação do amor através da figura materna revela o caráter edipiano da relação de Paulo, tanto com Piedade como com sua mãe. Aqui é importante registrar que Paulo separou-se da mãe ainda na infância para continuar os estudos na cidade e por não suportar o padrasto, na sua opinião, um rústico que inconscientemente fazia sua mãe sofrer.

Como já foi dito anteriormente, ao aceitar o casamento com Paulo, Maria da Piedade o faz conhecendo de antemão o sofrimento que lhe aguardava, já que a doença do marido avançava e havia pouquíssimas esperanças de cura. Se durante a infância, ambos tinham-se na conta de irmãos, o noivado e o casamento são marcados pela mais completa deserotização\_: “Não terão filhos; não há nenhuma cena de amor, nenhuma insinuação; sexo nenhum.” (DRUMMOND, 2007, p.134), diríamos que, para a jovem, a relação passou de fraternal para maternal. Como o seu próprio nome indica, há uma referência à virgem Maria, o que se reforça a partir dos capítulos subseqüentes ao casamento, nos quais vemos uma tentativa de reprodução da famosa escultura *Pietà* de Michelangelo:

A mulher, num gesto de carinho e afago maternal que, mesmo as que nunca foram mães, sabem, quando preciso, demonstrar, achegou-se-lhe mais perto e sentando-se na ampla austríaca que havia junto ao leito, chamou-o para junto de si, como se fora uma criança medrosa... (MESQUITA, p.103)

Neste capítulo, “Nuvens no azul”, o narrador que vinha referindo-se à personagem ora como Piedade, ora como Maria da Piedade, passa a tratá-la por Maria apenas: “Maria estava linda... , Maria logo cobrou sua coragem”. (MESQUITA, p.103). Outro momento emblemático é quando Paulo recebe a notícia da morte de sua mãe:

[...] Morreu mamãe Piedade? Fale! Ande...  
Piedade não se sentiu com coragem para dizer-lhe a verdade [...] A mulher teve tempo apenas de *ampará-lo nos seus braços*, evitando que Paulo tombasse ao solo [...] (grifo nosso, MESQUITA, p.124).

O narrador enfatiza a cena no capítulo seguinte: “O profundo abalo que lhe causara a notícia da morte da mãe, do qual *despertara nos braços de Piedade...*” (grifo nosso, MESQUITA, p.125).

A referida sensação de *déjà vu* surge, também, no final do livro, em que uma borboleta preta pousa sobre um quadro da sala de jantar do casal protagonista: “\_Cruz! Passa fora, agouro ruim! Disse, à meia voz, Piedade, espantando o animalejo com uma toalha que apanhara do cabide. [...] \_ Não fosse agoureiro, era até bem bonito este bicho.” (MESQUITA, p.121-2). Episódio semelhante ocorre nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, (A borboleta preta): “\_ Também por que diabo não era ela azul? disse

comigo.” (1992, p.552). Quanto às referências à obra machadiana, temos fortes suspeitas tratarem-se de homenagem, pois José de Mesquita nunca escondeu a admiração pelo autor, tendo, inclusive, defendido uma tese sobre as personagens femininas machadianas no 2º Congresso das Academias e dos Intelectuais do Brasil, em 1939.

Homenagem, inspiração, influência, cópia ou pastiche de autores consagrados? Não entraremos nesta discussão. Para o propósito de nossa pesquisa, interessa tomarmos este procedimento como pistas/indícios que poderão nos levar ao repertório literário do autor, embora com as ressalvas de que nem todas as nossas hipóteses correspondam à verdade, afinal, coincidências acontecem... .

### **O leitor “de papel e tinta”**

Um cuidado que devemos ter quando tentamos reconstituir o universo de leitura de um autor é o de não tomar todas as alusões literárias como indício seguro de que ele tenha frequentado as obras aludidas, pois, conforme escreve Brito Broca sobre nossos escritores românticos: “ ... não imaginamos que os nossos românticos lessem muito. Eles nos parecem, isto sim, muito livrescos. Não se conformavam em escrever prosa ou verso sem entremear por toda parte, nem sempre com muita adequação, nomes de autores, personagens de romances ou de poemas. “ (1979, p. 97).

Dado o estágio inicial de nossa pesquisa, ainda é cedo afirmarmos algo neste sentido sobre José de Mesquita. O que se pode observar a partir da leitura de *Piedade* é um narrador extremamente desejoso de demonstrar erudição, quer seja através das referências literárias que faz quer através das leituras das personagens.

Ao longo das 139 páginas do romance levantamos 38 referências a autores e obras diferentes (i.é., excluídas as repetições). Dentre os autores/obras citados, observa-se a predominância dos franceses (15), seguidos pelos portugueses (10), italianos (6), alemães (2), ingleses (2) e russo (1). Apenas 2 brasileiros figuram entre eles: os poetas parnasianos Olavo Bilac e Alberto de Oliveira. É interessante observar que dentre os autores/obras mencionados como alguns dos supostos modelos inspiradores do autor, apenas Goethe e Dostievski são mencionados no enredo de *Piedade*, ou seja, não há qualquer menção a Alencar, Stowe, Sá-Carneiro ou Machado de Assis.

A maioria das referências à obras literárias e situações de leitura se dá a propósito da caracterização da personagem Paulo que, como foi dito no início deste trabalho, é um intelectual, condição de que se orgulha e o distingue dos demais, inclusive do amigo Ricardinho, professor, cujo repertório literário, limitado pela pobreza material, restringe-se aos clássicos, como podemos observar no seguinte diálogo entre os dois:

\_ O amigo é que sabe viver... Uma casa bem arranjada, uma sala de primeiríssima, sim senhor! E que magnífica livraria escolhida e numerosa!

\_ Qual! Apenas o necessário! Retorquiu o advogado, intimamente lisonjeado e já sentindo melhores disposições ante o elogio de Ricardinho. E você, tem muitos livros? Um professor deve ler muito, não?

\_ Alguma coisa, meu amigo. As posses, porém, não facultam se tenha quanto almeja... O preço dos livros hoje é muito alto para os que não dispõem de grandes recursos pecuniários.

[...]

\_ Tenho aqui o Camões em diversas edições... O Fernão Mendes... Sá de Miranda... “A vida do Arcebispo”...

Oh! Isto é admirável! Exclamou, num assomo incontido, o leitor dos bons mestres da língua.

\_ E, em outro gênero, o Bocage, o Tolentino, o Felinto... Esta prateleira é só do Castilho... Aqui em cima, as obras de Herculano... Se você prefere os modernos...

Ja Paulo passar pela outra estante, dos autores contemporâneos, mas Ricardinho o deteve [...]

\_ Não... Não... A mim me apraz de preferência a leitura dos clássicos [...] Os antigos sobrepõem em tudo esses renovadores... (MESQUITA, p.67-8)

O excerto acima é bastante elucidativo quanto à composição do público leitor no contexto do romance, qual seja, a Cuiabá do início do século XX. De um lado temos Paulo, um intelectual cosmopolita, dono de uma ampla e variada biblioteca; de outro, Ricardinho, caracterizado como o típico professor interiorano, cujo repertório \_ limitado aos clássicos \_ e linguagem, \_ “empolada e cheirante a classicismos tirados de velhos quinhentistas” (MESQUITA, p.68)\_ , dão a medida de seu provincianismo.

Num primeiro momento, poderíamos ver nesta oposição exemplos de leitura “intensiva” e “extensiva”, conceitos utilizados por Roger Chartier em *História da leitura no mundo ocidental* (1998). Segundo o autor, o leitor ‘intensivo’ dispõe de um *corpus* limitado e fechado de livros, lidos e relidos de geração a geração; já o leitor ‘extensivo’ consome impressos os mais variados, submetendo-os a um olhar crítico. A passagem da primeira para a segunda modalidade de leitura é considerada por Chartier como a segunda “revolução da leitura” (a primeira seria a passagem da leitura em voz alta para a silenciosa), decorrente, entre outras coisas, das facilidades de aquisição ao material impresso, oportunizadas pelo progresso material e aumento nos níveis de alfabetização das sociedades. Contudo, não obstante sua condição privilegiada em relação ao amigo, Paulo tampouco configura-se como leitor ideal, pois deixa-se influenciar pelo conteúdo da matéria lida, ou seja, não é um leitor crítico, além disso suas escolhas literárias são inadequadas, do ponto de vista do narrador. Seu autor predileto era o poeta francês Maurice de Guérin <sup>2</sup>, cuja obra, *Journal*, exercera grande influência sobre seu espírito doentio, como demonstra a longa citação às páginas 90-1.

A referência ao poder maléfico da leitura sobre a personalidade de Paulo também é enfatizada nos momentos em que o narrador descreve suas crises de depressão:

---

<sup>2</sup> Escritor francês da primeira geração romântica, precursor do poema em prosa, morto em 1839, aos 28 anos. [www.books.google.com.br](http://www.books.google.com.br). Acessado em 5/09/2010.

A sua educação caseira, o vírus romântico que trazia atavicamente e se lhe exacerbava devido às muitas leituras [...] Era bem um irmão espiritual de Werther, René, Adolphe, Obermann, ser sem vontade, todo nervos, sensibilidade, impregnado do mal romântico pela hereditariedade e pela cultura...

[...]

Talvez uma viagem lhe fizesse bem, conseguisse divertí-lo, curar-lhe a terrível crise nervosa que, ultimamente o tomava, tornando-o insociável, irritadiço em extremo, preso à casa, aos livros que cada vez mais lhe envenenavam a alma com toxinas literárias das leituras ultra-românticas, que eram suas preferidas. (MESQUITA, p.85; 94)

O mesmo acontece com Álvaro, irmão de Paulo, cuja loucura é atribuída a uma “neurose hereditária, reforçada pela sua educação e pelas muitas leituras românticas de que saturara o espírito.” (MESQUITA, p.26).

Os historiadores da leitura enfatizam o papel do romance na formação de um novo público leitor, daí a sua vocação pedagógica, isto é, além de introduzir novos valores, modas, hábitos, maneiras de pensar, de sentir, de agir, de escrever, os romancistas se investiam da tarefa de “mestres de leitura”, orientando escolhas e atitudes frente ao texto literário. Este propósito é explicitado por Aluísio Azevedo no pastiche de romance-folhetim *Os mistérios da Tijuca*:

[...] Diremos logo com franqueza que todo nosso fim é encaminhar o leitor para o verdadeiro romance moderno. Mas [...] sem que ele dê pela tramóia. [...] É preciso ir dando a cousa em pequenas doses [...] Um pouco de enredo de vez em quando, uma ou outra situação dramática [...] para engordar, mas sem nunca esquecer o ponto de partida \_ a observação e o respeito à verdade. Depois, as doses de romantismo irão gradativamente diminuindo, enquanto as de naturalismo irão se desenvolvendo; até que, um belo dia, sem que o leitor o sinta, esteja completamente habituado ao romance de pura observação e estudo de caracteres. (*Apud*, MEYER, 1996, p.307)

Excetuando-se a opção explícita pelo romance naturalista, a postura do narrador de *Piedade* vai nesta linha, isto é, à vaidade de se mostrar como um leitor sofisticado, ele acrescenta a preocupação prescritiva, qual seja, o distanciamento crítico em relação ao texto literário e, principalmente, a rejeição às obras ultra-românticas. Neste sentido, o romance de José de Mesquita, embora tardio, estaria abrindo o caminho para a formação de um público leitor mais maduro e atualizado em relação às tendências contemporâneas suas. À maneira de Machado de Assis, que tanto admirava, Mesquita criou um personagem leitor de Werther, como Estevão de *A mão e a luva*, incapaz de estabelecer o devido distanciamento entre ficção e realidade, o que lhe valeu um final infeliz.

O leitor de carne e osso e os leitores de papel e tinta:  
representações de leitura e de leitores no romance  
*Piedade* de José de Mesquita

Franceli Aparecida da Silva Mello

### Referências

- ABREU, M. (org.) **Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVII e XIX**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2008.
- BROCA, B. **Românticos, pré-românticos, ultra-românticos**. Vida literária e Romantismo brasileiro. São Paulo: Polis; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.
- CAVALLO, G. e CHARTIER, R.(Org). **História da leitura no mundo ocidental**. Vol. I. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- DRUMMOND, M. F. S. I. José de Mesquita e o romance tardio. In: **Polifonia**. Periódico do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem-UFMT. Cuiabá: Editora Universitária. Ano 9. Vol. 14, 2007.
- LAJOLO, M. e ZILBERMAN. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. **A mão e a luva**. In: **Obra completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992. Vol. I.
- \_\_\_\_\_. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. In: **Obra completa**. Vol. I. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992.
- MESQUITA, J.de. **Piedade**. Cuiabá: Academia Mato-grossense de Letras/ Cáceres: Editora da UNEMAT, 2008.
- MEYER, M. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- WATT, I. **A ascensão do romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- Site. <http://www.books.google.com.br>. Acesso em: 5/09/2010.